
Net-ativismo palestino: a produção de imagens como ato de resistência nas redes sociais digitais¹

Laura Mercês Coura²

Eli Borges Junior³

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

O avanço das tecnologias digitais e a popularização das redes sociais têm alterado as formas de mobilização social e política, dando origem a novas dinâmicas de ação coletiva conhecidas como “net-ativismo” (M. Di Felice, 2017). Nesse contexto, o conflito Israel-Palestina surge como um campo central para se compreender o net-ativismo contemporâneo. A presente investigação apresenta uma análise de conteúdo de postagens feitas entre 7 de outubro de 2023 e 14 de janeiro de 2024 por três perfis — dois no Instagram e um no TikTok — administrados por mulheres palestinas ou descendentes de palestinos, residentes fora da Palestina. O objetivo é compreender de que maneira esses conteúdos configuram novas práticas de ativismo digital e mobilização social.

Palavras-chave: net-ativismo; ativismo em rede; Palestina; redes digitais; comunicação política.

Introdução

O avanço das tecnologias digitais e a popularização das redes sociais transformaram profundamente as expressões contemporâneas de mobilização social e política. Modalidades de ativismo digital, ou mais precisamente “net-ativismo” (Di Felice, 2017), passaram a configurar uma nova dinâmica de ação coletiva, pois permitem que indivíduos e grupos se organizem de maneira dinâmica e descentralizada e rompam os limites de tempo e espaço, engajando pessoas em diferentes lugares do mundo ao mesmo tempo (Di Felice, 2017; Santaella, 2017).

Nesse cenário, o conflito entre Israel e Palestina apresenta-se como um campo crucial para compreender as expressões contemporâneas do net-ativismo. Com uma história marcada por violência, os palestinos têm utilizado as plataformas digitais para denunciar a invasão, compartilhar suas experiências e mobilizar solidariedade internacional (Stein, 2021; Aouragh, 2011). Particularmente após os eventos de 7 de outubro de 2023, quando Israel deu início a uma escalada violenta na Faixa de Gaza, as

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do Bacharelado de Rádio, TV e Internet da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: laura.merces@estudante.ufjf.br

³ Professor Adjunto da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Orientador do trabalho. E-mail: eli.borges@ufjf.br

redes sociais tornaram-se um espaço essencial para a divulgação da causa palestina, combinando imagens, vídeos e relatos pessoais que sugerem configurar novas formas de ativismo digital.

Este artigo apresenta as primeiras fases de uma investigação com o objetivo de analisar essas expressões do net-ativismo palestino, com foco em postagens de perfis de redes sociais realizadas entre os dias 7 de outubro de 2023 e 14 de janeiro de 2024, período marcado pelos primeiros 100 dias da atual ofensiva israelense. A pesquisa baseia-se na análise de conteúdo (Bardin, 2016; Gilbert, 2018) de publicações de três perfis digitais — dois no Instagram e um no TikTok — pertencentes a mulheres palestinas ou descendentes de palestinos, residentes em diferentes países. A partir dessa investigação, busca-se compreender como esses conteúdos configuram práticas de resistência e denúncia no ambiente digital, ampliando o debate sobre a relação entre ativismo on-line e mobilização social em contextos de conflito.

Net-ativismo e novas formas de participação política

Para se compreender as formas que o net-ativismo pode apresentar em diferentes contextos, Di Felice (2017) propõe uma narrativa histórica que o relaciona às transformações das redes sociais, responsáveis por alterar as formas de interação entre as pessoas e, conseqüentemente, modificaram a participação net-ativista, que assumiu diferentes características.

Para o autor, o net-ativismo pode ser dividido em três épocas distintas. A primeira fase é associada a movimentos da época, como o ciberativismo e o *cyberpunk*, que, apesar de serem conflitos experimentais e locais, ganham dimensão global e se disseminam pela internet 1.0, porém ainda com uma lógica centralizada e a partir de sites específicos. Já a segunda fase é associada ao surgimento do neozapatismo, nos anos 1990, e é marcada pela descentralização do conflito, que nasceu em um contexto local, com os povos indígenas do estado de Chiapas (México), mas se expandiu por meio de uma lógica colaborativa entre a internet, os territórios, as pessoas envolvidas e as informações, inaugurando um ativismo desvinculado de instituições ou estruturas políticas tradicionais. Já a terceira fase é caracterizada pelo surgimento da banda larga, das redes sociais e conexões móveis, que consolidaram uma ecologia colaborativa que estabelece interações entre dispositivos de conexão, bancos de dados, pessoas e grupos distribuídos pelo planeta, frequentemente causando rupturas nas estruturas de poder, e sendo também a

fase da explosão do ativismo global no qual se difundem as práticas de conflitualidade on-line.

Com base nessa divisão, observa-se o surgimento de movimentos sociais que se desenvolveram exclusivamente no ambiente digital, graças à internet de alta velocidade e às redes sociais, que possibilitaram um maior fluxo de informações, sobretudo de fotos e vídeos. Esses movimentos passaram a se organizar de maneira quase imediata, sem depender de um local físico específico, rompendo os limites de tempo e espaço e mobilizando pessoas em diferentes lugares do mundo ao mesmo tempo, devido às tecnologias digitais (Santaella, 2017).

Nesse contexto, Earl e Kimport (2011) discutem as e-táticas como formas de ação coletiva mediadas pela internet, exemplificadas por petições on-line, campanhas de e-mail e boicotes virtuais. As autoras argumentam que essas estratégias evidenciam uma mudança relevante na dinâmica da mobilização social, uma vez que permite aos indivíduos se organizarem digitalmente para pressionar por transformações políticas ou sociais; portanto, a copresença física não seria necessária, já que os participantes podem aderir às iniciativas de forma remota, a partir de qualquer lugar.

Assim, de acordo com Babo (2017), as novas tecnologias redefiniram o ativismo, tornando-o mais individualizado, ou seja, funcionam de forma mais autônoma, sem a presença de um líder ou organização social, como sindicato ou partido político, funcionando a partir de uma lógica descentralizada. Entretanto, o net-ativismo não deixou de impulsionar manifestações no espaço físico:

O uso da internet não leva ao domínio do ciberativismo sobre a mobilização no espaço físico. Além disso, o destino de determinados movimentos de protesto foi, de fato, decidido nas ruas, com a ocupação do espaço público como fator-chave para o seu sucesso. Esta observação não minimiza o impacto das novas tecnologias e das redes sociais no início, organização e desenvolvimento de tais protestos. Em vez disso, sugere que a complexidade da interação entre o ativismo *online* e *offline* dos atuais movimentos de protesto requer uma atenção cuidadosa (Chodak, 2016 *apud* Babo, 2021, p. 35).

A Primavera Árabe, que teve início em dezembro de 2010, destacou-se por mostrar o poder das redes sociais para a transformação social (Santaella, 2017). O movimento de natureza política, que começou de forma *on-line* em *sites* e redes sociais (Di Felice, 2017), desencadeou manifestações de rua que resultaram na queda de quatro ditaduras – Zine Ben Ali (Tunísia), Hosni Mubarak (Egito), Muammar Kadhafi (Líbia) e Ali Abdullah Saleh (Iêmen) –, o que evidencia o papel fundamental das redes digitais na

articulação dessas manifestações. De forma semelhante, outras iniciativas que surgiram *on-line* e ocuparam as ruas, como o *Movimento dos Indignados* (2011, Espanha), o *Occupy Wall Street* (2011, Nova Iorque), o *Que se lixe a Troika* (2012, Portugal), as *Jornadas de Junho* (2013, Brasil), a *Revolução da Dignidade* (2014, Ucrânia) e o *Mouvement des Gilets Jaunes* (2018, França), parecem demonstrar a continuidade desse fenômeno.

Net-ativismo na Palestina

Para discutir sobre o net-ativismo na Palestina, é necessário apresentar uma breve contextualização do conflito Israel-Palestina. Sua raiz remonta ao final do século XIX, com o surgimento do movimento sionista, que propunha uma pátria judia na região da Palestina, então sob o domínio do Império Otomano, como resposta ao chamado “problema judeu” na Europa (Herzl, 1917; Said, 2011). Em 1917, o Reino Unido passou a ocupar a Palestina e os ideais sionistas se fortaleceram, especialmente após a Declaração Balfour, na qual o governo britânico manifestava apoio à criação de um lar nacional judaico, o que impulsionou a migração de judeus para a Palestina (Said, 2011). Após reivindicações dos imigrantes judeus, em 14 de maio de 1948, com base na resolução 181/1947 da ONU, o Estado de Israel foi criado, dividindo o território entre um Estado judeu e outro árabe (ONU, 1947). No dia seguinte, Israel deu início a um processo de limpeza étnica que resultou na expulsão violenta e desapropriação de casas de palestinos, episódio que ficou conhecido como *Al-Nakba*, termo árabe que significa “a Catástrofe” (Pappé, 2006; Masalha, 2012). Essa política de deslocamento e violência contra a população palestina tem se estendido até os dias atuais, de diferentes formas.

Diante desse cenário, o net-ativismo palestino tem desempenhado um papel de extrema importância na resistência contra a ocupação e, principalmente, na denúncia das violências cometidas por Israel.⁴ De acordo com Aouragh (2011), no começo do século XX, as listas de e-mail – muitas das quais surgiram como resposta à frustração da cobertura midiática da Intifada – tornaram-se uma ferramenta essencial para confrontar a mídia tradicional. Segundo a autora, listas como *Palestine Monitor* e *Hear Palestine* fizeram a diferença para jornalistas independentes e ativistas que não tinham acesso a

⁴ Vale destacar que, paralelamente, as mesmas redes digitais também são utilizadas por grupos conservadores, organizações pró-Israel e perfis sionistas, alguns dos quais recebem apoio financeiro de empresários e instituições internacionais, visando disseminar narrativas que legitimem a ocupação israelense e desacreditem denúncias palestinas.

essas fontes locais, e dessa forma, informações sobre a Segunda Intifada alcançaram uma audiência global, diferente da Primeira Intifada. Essas redes, além de documentarem os acontecimentos locais, diz Aouragh (2011, p. 90, tradução nossa), “(...) também ofereciam notícias sobre manifestações na Itália e na Grã-Bretanha para reunir palestinos e grupos internacionais de solidariedade”⁵.

No livro *Screen Shots: State Violence on Camera in Israel and Palestine*, Rebecca L. Stein (2021) analisa como, no início da Segunda Intifada, nos anos 2000, os ativistas palestinos, israelenses e trabalhadores de direitos humanos foram os primeiros a adotar câmeras e o uso estratégico de imagens e vídeos na internet como ferramentas políticas, destacando organizações como o coletivo israelense-palestino de fotografia Activestills, fundado em 2005 e a ONG B’Tselem, criada em 1989, que foram cruciais para denunciar os horrores da ocupação sionista. Stein (2021) destaca o projeto lançado em 2007 pela B’Tselem, que distribuiu centenas de filmadoras portáteis para famílias palestinas que viviam em áreas com altos níveis de violência estatal; porém, as restrições impostas pelo Estado israelense, como bloqueios, toques de recolher e má infraestrutura da internet, muitas vezes tornavam difícil ou impossível o transporte das gravações originais (fitas e cartões de memória) até o escritório da B’Tselem em Jerusalém Ocidental, fazendo com que vídeos importantes demorassem a circular ou nunca chegassem ao destino.

Mesmo com todas essas restrições, o ativismo com câmera cresceu rapidamente nos anos seguintes e, na segunda década do século, houve uma proliferação das tecnologias móveis na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, sendo que “ (...) o campo global das redes sociais ficou saturado com vídeos produzidos por palestinos vivendo sob ocupação, às vezes filmados no exato momento em que eram bombardeados pelo exército israelense” (Stein, 2021, p.159 tradução nossa)⁶.

Essa modalidade de net-ativismo ganharia novas características diante dos eventos mais recentes. Em 7 de outubro de 2023, após a ofensiva do grupo Hamas em território israelense, o Estado de Israel iniciou uma contra ofensiva caracterizada por atos de violência desproporcional contra a população da Faixa de Gaza. Entre as táticas utilizadas, destaca-se o bloqueio total que impede o acesso a alimentos, água potável, combustível e medicamentos, agravado por bombardeios indiscriminados e ataques à

⁵ No original: “(...) also offered news about demonstrations in Italy and Britain to bring international solidarity groups and Palestinians together.”

⁶ No original: “(...) the global social media field was saturated with footage produced by Palestinians living under occupation, sometimes filmed in the very midst of their bombardment by the Israeli military”.

infraestrutura civil, como hospitais, escolas e sistemas de abastecimento (Human Rights Watch, 2024). Estima-se que mais de 45.000 civis palestinos foram mortos, entre eles mulheres e crianças (ONU, 2024). A organização Human Rights Watch (2024) alertou que as ordens de evacuação forçada de milhões de pessoas, aliadas à destruição sistemática de zonas residenciais, configuram uma campanha de limpeza e deslocamento populacional em massa.

A partir dessa data, perceberam-se várias movimentações no campo do net-ativismo palestino. Os materiais postados não se limitavam somente às imagens da guerra e à situação dos palestinos em Gaza realizadas por moradores locais, mas também incluía postagens de descendentes ou palestinos que não residem na Palestina produzindo conteúdos sobre o acontecimento, e as publicações variam nos formatos técnicos. Alguns exemplos são vídeos dos próprios administradores dos perfis falando diretamente para a câmera do celular, o que incluía, muitas vezes, conteúdo educacional ou de desabafo, conferindo um tom mais pessoal e íntimo. Havia também postagens que combinavam vídeos com texto sobreposto; outras compostas apenas por imagens acompanhadas de legendas (por vezes, a legenda estava na própria imagem) e ainda vídeos editados sobre algum tema a partir da junção de diferentes imagens e vídeos.

Aspectos metodológicos da pesquisa

A principal vertente metodológica articulada na investigação é a chamada “análise de conteúdo”, conforme proposta por Laurence Bardin (2016), a fim de examinar as manifestações de net-ativismo palestino nas redes sociais digitais após os eventos de 7 de outubro de 2023. Entretanto, a pesquisa partirá de uma redefinição dos aspectos metodológicos de Bardin, adaptando-se ao contexto do estudo (Gilbert, 2018; Sampaio *et al.*, 2025)

A análise temática foi usada para organizar o material, até o momento, em cinco categorias temáticas principais, considerando aspectos técnicos das imagens publicadas: (1) Vídeo da autora falando de frente para a câmera; (2) Vídeo acompanhado de um texto sobreposto; (3) Vídeo do conflito; (4) Imagem acompanhada de um texto sobreposto; (5) Imagem do conflito. Conforme Bardin (2016, p.148), a categorização é fundamental na análise de conteúdo, pois permite estruturar os dados de forma sistemática, identificando padrões, semelhanças e diferenças. Essa organização ajudou a identificar tendências importantes para que possamos compreender as novas expressões do net-ativismo.

Primeiros resultados do estudo

Foram selecionados três perfis públicos para análise: dois no Instagram, pertencentes a mulheres descendentes de palestinos, a americana Jenan Matari (@jenanmatari) e a brasileira Hyatt Omar (@hyattomar), e um no TikTok, de uma mulher nascida em Gaza e atualmente vivendo nos Estados Unidos, Salma Shawa (@salma.shawa). A escolha desses perfis considerou critérios como: a ascendência palestina das criadoras, a frequência da produção de conteúdo sobre a causa palestina durante e após os eventos de 7 de outubro de 2023 e o engajamento significativo, indicado pelo número de visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos. A análise centrou-se em publicações realizadas entre 7 outubro de 2023, primeiro dia do genocídio palestino, e 14 de janeiro de 2024, marco dos 100 dias desde o início dos ataques israelenses. Foram consideradas postagens em vídeo, imagens e textos com o objetivo de compreender como esses conteúdos configuram uma nova expressão do net-ativismo.

Até agora – a investigação se encontra ainda em curso – as publicações foram divididas em cinco categorias principais, com base em seus formatos técnicos: (1) Vídeo da autora falando de frente para a câmera; (2) Vídeo acompanhado de um texto sobreposto; (3) Vídeo do conflito; (4) Imagem acompanhada de um texto sobreposto; (5) Imagem do conflito.

Após categorizar os conteúdos, as primeiras análises mostram alguns padrões entre os perfis. As três contas frequentemente utilizam-se do recurso de gravar vídeos em frente à câmera, na maioria das vezes dentro de suas casas. Esse formato é geralmente escolhido quando as autoras querem falar sobre o conflito, compartilhar conteúdos educativos ou desabafar. Além disso, são bastante presentes vídeos com texto sobreposto, utilizados quando o conteúdo do texto é mais importante que a imagem em si. Em contrapartida, vídeos e imagens do conflito não são tão frequentes, as autoras têm preferência por se gravarem falando sobre os acontecimentos. Outro padrão identificado em todos os perfis é a recorrência de publicações sobre os mesmos temas realizadas no mesmo dia ou em intervalos curtos de tempo. É importante destacar que uma das mulheres, Jenan Matari, que é poeta, costuma postar imagens de um fundo preto acompanhadas de poemas escritos sobrepostos, que falam sobre o genocídio e a resistência palestina, enquanto a Hyatt Omar utiliza imagens com texto em carrosséis informativos — *post* com várias fotos que o usuário pode deslizar.

Quanto ao conteúdo, observa-se a predominância de postagens relacionadas aos ataques cometidos por Israel a partir de 7 de outubro de 2023 e ao conflito de forma mais ampla, enfatizando o contexto histórico e temas que vão além desse evento. Além disso, há também desabafos sobre a experiência de ser uma pessoa palestina, bem como o combate à desinformação e críticas à cobertura da mídia hegemônica sobre a questão israelo-palestina. A próxima etapa da pesquisa consistirá em refinar as categorizações e aprofundar as análises desses resultados.

Considerações finais

Com base no que foi apresentado, compreende-se que as redes sociais desempenham um papel importante para mobilizações sociais, sobretudo no contexto do conflito Israel-Palestina. Elas configuram-se como ferramentas essenciais para a resistência e a denúncia de violências, especialmente em uma realidade marcada por bloqueios, censuras e restrições de mobilidade.

As postagens dos perfis analisados a partir do dia 7 de outubro de 2023 mostram publicações que vão além da simples divulgação de imagens do conflito feita por moradores locais, mas que também incluem conteúdos de desabafos pessoais, educativos e de combate à desinformação, apresentados em formatos diversos, como vídeos nos quais as autoras falam diretamente para a câmera, além de imagens e materiais audiovisuais acompanhadas por textos sobrepostos.

Esses padrões identificados apontam para uma nova forma de net-ativismo, que vai além de um acontecimento isolado, representando um fenômeno mais amplo na maneira como as mobilizações digitais vêm se configurando contemporaneamente.

Referências

AOURAGH, Miriyam. **Palestine online**: transnationalism, the Internet and the construction of identity. London: I.B. Tauris & Co Ltd, 2011.

BABO, Isabel. Ativismo em rede e espaço comum: as mobilizações globais de protesto pelo clima. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 126, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/12398>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BABO, Isabel. Redes e ativismo. In: DI FELICE, Massimo; ROZA, Erick; PEREIRA, Eliete (org.). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papirus Editora, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luis Antero Reto; Augusto Pinheiro. 3. reimpr. da 1. ed. de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2017. (Coleção Comunicação).

DI FELICE, Massimo; ROZA, Erick; PEREIRA, Eliete (org.). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papirus Editora, 2017.

EARL, Jennifer; KIMPORT, Katrina. **Digitally enabled social change**: activism in the internet age. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2011.

GILBERT, Tamsyn. Looking at Digital Art: Towards a Visual Methodology for Digital Sociology. **The American Sociologist**, v. 49, n. 4, p. 569–579, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12108-018-9384-2>. Acesso em: 14 jun. 2025.

HERZL, Theodor. **A Jewish State**: an attempt at a modern solution of the Jewish question. 3d ed., rev. from the English translation of Sylvia d'Avigdor, with special preface and notes by Jacob de Haas. New York: Federation of American Zionists, 1917. Disponível em: https://openlibrary.org/books/OL6667752M/A_Jewish_state. Acesso em: 6 jul. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **“Hopeless, Starving, and Besieged”**: Israel’s Forced Displacement of Palestinians in Gaza. New York: Human Rights Watch, 14 nov. 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2024/11/14/hopeless-starving-and-besieged/israels-forced-displacement-palestinians-gaza>. Acesso em: 6 jul. 2025.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Extermination and Acts of Genocide**: Israel Deliberately Depriving Palestinians in Gaza of Water. New York: Human Rights Watch, 19 dez. 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2024/12/19/extermination-and-acts-genocide/israel-deliberately-depriving-palestinians-gaza>. Acesso em: 6 jul. 2025.

MASALHA, Nur. **The Palestine Nakba**: decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory. London; New York: Zed Books Ltd, 2012.

ONU - Organizações das Nações Unidas. **Resolução 181/1947 da Assembleia Geral**: Plano de Partilha da Palestina. Nova Iorque, 29 nov. 1947. Disponível em: [https://docs.un.org/en/A/RES/181\(II\)](https://docs.un.org/en/A/RES/181(II)). Acesso em: 14 jun. 2025.

PAPPÉ, Ilan. **The ethnic cleansing of Palestine**. 1. ed. Oxford: Oneworld Publications, 2006.

SAID, Edward W. **A questão da Palestina**. Tradução: Sonia Midori. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2011.

SAMPAIO, Rafael Cardoso *et al.* **Chega de Bardin!**: o círculo vicioso da análise de conteúdo brasileira. SciELO Preprints, [S. l.], 21 maio 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12029>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Política nas redes e nas ruas. In: DI FELICE, Massimo; ROZA, Erick; PEREIRA, Eliete (org.). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papirus Editora, 2017.

STEIN, Rebecca L. **Screen shots**: state violence on camera in Israel and Palestine. Stanford, California: Stanford University Press, 2021.

UNITED NATIONS. **Noting more than 45,000 Palestinians have been killed in Gaza, Assistant Secretary-General tells Security Council.** New York: UN Press, 2024. Disponível em: <https://press.un.org/en/2024/sc15944.doc.htm>. Acesso em: 6 jul. 2025.